

por Pio X, embora com roupagem diferenciada. A promoção do canto gregoriano, favorecida pelo saudoso Pontífice, se choca com a bagunça musical que os “progressistas” introduziram nas igrejas, incomodando os fiéis que ali vão rezar e não saracotear. A preocupação do Pio X com a leitura do Breviário é um disparate para aqueles que hoje subestimam a oração e valorizam o ativismo político-econômico. A simplificação de algumas rubricas do Missal, mantida a forma essencial e a língua estabelecidas por Pio V, se contrapõe às múltiplas maneiras e, pelo menos no idioma português, à linguagem chula do formulário adotado após o Concílio Vaticano II, que admitiu como exceção certas concessões hoje transformadas abusivamente em regra e — que digo eu?! — em única fórmula admissível, punindo-se energicamente quem ainda se apegava ao latim e ao modelo anterior, suposta irregularidade cometida pelos próprios modernizadores não faz muito tempo...

Não obstante tudo isso, a História saberá fazer justiça ao bondoso e seguro Pio X, bem como apreciará devidamente o comportamento dos “modernistas” do começo do século, que tanta amargura causaram ao grande e santo Papa, e dos “progressistas” de hoje, que lhes seguem as pegadas.

Gente da Gente

O polígrafo J. C. Alencar Araripe, meu confrade no Instituto do Ceará, na Academia Cearense de Letras e na Associação Cearense de Imprensa, acaba de brindar-nos com um livro que, se não é volumoso, contém todavia preciosos capítulos sobre cearenses de nascimento e de adoção, como, exemplos destes últimos, Demócrito Rocha e Paulo Bonavides, um nascido na Bahia e o outro na Paraíba, ambos cearenses como os que mais o sejam.

São dezessete estudos, alguns menos longos, outros mais analíticos, em que o autor relembra, com pinceladas seguras, as proveitosas vidas de grandes vultos de nossas atividades intelectuais ou políticas.

Refiro-me ao opúsculo de cento e poucas páginas intitulado *Gente da Gente* (Edição do Banco do Nordeste do Brasil, Fortaleza, 1979), primorosamente prefaciado por outra personalidade exponencial de nossas letras, que é o contista Moreira Campos.

Percorrendo as páginas desse livro, entramos em convívio com figuras primordiais das letras cearenses (Heráclito Graça, Antônio Bezerra, Tristão de Alencar Araripe, R. Magalhães Júnior, José Aurélio Saraiva Câmara e Mozart Monteiro) da política (Humberto de Alencar Castelo Branco, Fernandes Távora e Paulo Sarasate), do jornalismo (Demócrito Rocha, Perboyre e Silva, Pe. Antônio Vieira e Osvaldo Araújo), do magistério (Paulo Bonavides), da indústria (Delmiro Gouveia), da agricultura (Natanael Cortez) e da historiografia (Gomes de Freitas). Essa arrumação, aliás, é exclusivamente minha, personalíssima, porque o autor resumiu a vida dessa gente toda partindo de uma concepção universalista, abrangendo os biografados como um todo monolítico.

O trabalho deve ter sido exaustivo na sua elaboração. Conclui-se isto, facilmente, quando se lê, no fim de cada capítulo, a rica e segura biografia em que o autor se firmou. Mas o esforço foi compensador, pelo esplêndido resultado que nos é oferecido.

Por motivo nitidamente pessoal meu, questão de preferência própria de cada um, quero destacar os estudos feitos sobre Fernandes Távora, José Aurélio Saraiva Câmara, Osvaldo Araújo, Antônio Gomes de Freitas e Perboyre e Silva, todos falecidos, com os quais convivi e de quem guardo preciosas recordações. O autor, J. C. Alencar Araripe, foi feliz, felicíssimo mesmo, ao fixar o perfil de cada um de seus biografados, pois todos surgem vivos, ebulientes, como se ainda convivessem conosco. Dou a respeito, sem que disso precise o autor, conhecido mui justamente como escritor honesto, o meu testemunho, que garanto ser sincero. Longa convivência com eles, no Instituto do Ceará, na Academia Cearense de Letras ou na Associação Cearense de Imprensa, me põe nessa privilegiada situação. Bom fundamento, pois, tem o prefaçador da obra ao assinalar que “muitos desses vultos conhecemos pessoalmente, há até os do convívio presente, íntimo, do encontro de rua”. Nós os reencontramos nas páginas de “livro escrito para nós outros, os de mais idade, que nos deleitamos com o reencontro, e talvez maiormente para os moços, que descobrirão nele a lição, o exemplo a seguir para a sua própria afirmação e a certeza de que a nossa terra, por destinação histórica, continua a plasmar valores”. E isto vale como um universo de preferência, abrangendo todas as faixas etárias e camadas culturais, possíveis e imagináveis.

Foi proveitosa, assim, a iniciativa do autor, tal como proveitoso foi o patrocínio da Secretaria Estadual de Cultura e do Banco do Nordeste do Brasil.